

- busca**
- taxas e cotações
 conversor de moedas
 aeroportos
 loterias
 horóscopo
 programação da TV
 defenda-se
 ciência e meio ambiente
 newspaper
 brazil financial wire
 financial news
 bookmark

09h44 - Kursk: 23 tripulantes sobreviveram a explosão

Bilhete revela: Morte lenta no fundo do mar



O ESTADO DE S. PAULO



RadioEldorado.com.br LISTAS OESP.com.br
 AM FM wap.estadao.com.br

taxas e cotações

dólar	Comercial	R\$ 1,9300
9:59	Paralelo	R\$ 2,0630
	Turismo	R\$ 1,9700

Vende-se: de tudo

Para investir certo

Bradesco ShopInvest

UNIP Vestibular Unificado Informações Aqui 0800 109000

3º PRÊMIO DE MÍDIA ESTADÃO

Cuba pede R\$ 60 milhões ao BNDES



Dinheiro do banco vai financiar compra de equipamentos e tecnologia agrícola do Brasil

imagens



Batman

- colunistas
- Alberto Tamer
 - Armando Nogueira
 - Sardenberg
 - Celso Kinjô

especiais

TIPOLOGIAS 2000

Motor maior dá vida ao Clio

NOMES

Exposição Freud e o modernismo brasileiro

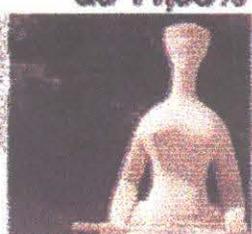
"Fora madeireiros safados"

(Cacique Bep-Karob)



Jose Paulo LOCATELLI

Aumento do judiciário é de 11,96%



E pode ser estendido aos funcionários do Congresso

"Princesa"



A dura vida dos travestis brasileiros na Itália, em cartaz em São Paulo

tempo

Florianópolis:	máx: 25 - mín: 22
Natal:	máx: 30 - mín: 24
Palmas:	máx: 32 - mín: 20

Outras cidades

reportagens

Chefe da PF em SP é exonerado

Afastamento teria sido apressado por causa do sumiço do juiz Nicolau e da volta ao Brasil do empresário Ricardo Mansur

últimas notícias

3 economia na era das redes



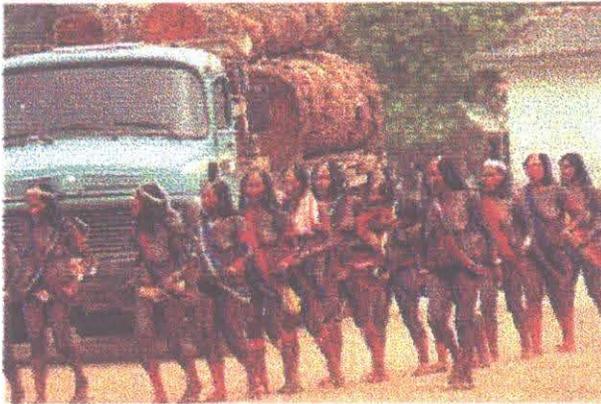
Quarta-feira, 25 de outubro de 2000

ciência e meio ambiente

notícias :::

Índios fazem manejo de madeira legalizada

"Agora, nós mesmos fazemos a extração da madeira e não os madeireiros safados, que roubam os índios", diz o cacique Bep-Karoti



José Paulo Lacerda/AF

É a primeira vez que se comercializará legalmente madeira retirada de terra indígena no País.

Parauapebas, PA

- Os índios xikrins celebraram hoje a retirada da primeira safra de madeira do Plano de Manejo Florestal, realizada aldeia Xikrin do Cateté, no sul do Pará. Essa será a primeira vez que se comercializará legalmente madeira retirada de terra indígena no País.

Para comemorar o sucesso do projeto, os xikrins, que são um sub-grupo kaiapó, se enfeitaram e fizeram uma grande festa, reunindo os moradores das duas aldeias, Cateté e Djudje-Ko, para cantar e dançar durante todo o dia.

Madeireiros safados

Bep-Karoti, cacique da aldeia Cateté, conta que a comunidade começou a ficar muito incomodada com a relação com os madeireiros, por isso resolveu investir no projeto de manejo. "Agora, nós mesmos fazemos a extração da madeira e não os madeireiros safados, que roubam os índios", diz.

Segundo o cacique, com o dinheiro que irão ganhar com a comercialização da madeira, eles pretendem comprar "roupas, sapatos e todas essas coisas que branco tem e não dá de graça para ninguém".

Dificuldades

Iniciado há oito anos, o projeto que levou ao plano de manejo

sustentado em uma reserva indígena foi uma iniciativa conjunta dos xikrins com a entidade ambientalista Instituto Socioambiental (ISA). O plano enfrentou várias dificuldades, como a impossibilidade legal de se explorar recursos madeireiros em terras indígenas, até problemas técnicos, financeiros e climáticos até chegar à primeira colheita.

“Os xikrins foram os primeiros entre os povos indígenas a conseguir a legalidade na exploração da madeira e para isso contaram com sua própria força de vontade e a ajuda de parceiros. Espero que esse exemplo se espalhe para que os índios brasileiros possam resistir ao assédio de quem quer explorar ilegalmente suas terras. Para isso, terão sempre o apoio do governo”, disse o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, que esteve presente na festa junto com o ministro da Justiça, José Gregori, a presidente do Ibama, Marília Marreco, e o presidente da Funai, Glênio Alvavez.

Segundo Sarney Filho, o governo já investiu nesse projeto R\$ 490 mil do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, do PPG7, e deverá investir outros R\$ 500 mil nos próximos dois anos. O manejo conta ainda com a colaboração da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), vizinha da reserva na Serra de Carajás, que investiu cerca de R\$ 350 mil no projeto, além de construir a estrada para a saída da madeira da terra indígena até Tucumã. Outro tanto deverá ser gasto pela empresa no próximo ano para a construção de uma nova estrada, até Água Azul, que encurtará pela metade o caminho da madeira até a serraria.

Maura Campanili, enviada especial

notícias :::

Xikrins conheceram os brancos há 50 anos

Os xikrins souberam da existência dos brancos há pouco menos de 50 anos, quando um grupo de jovens saiu da aldeia para procurar esse outro mundo.



José Paulo Lacerda/AE

Índios xikrins fazem festa para a primeira safra de madeira

Parauapebas, PA
- A terra indígena Xikrin do Cateté tem uma área demarcada de 439 mil hectares, entre os municípios de Parauapebas e Tucumã, no sul do Pará. Seus habitantes são cerca de 700 índios, a maioria jovens com menos de 30 anos.

Segundo o antropólogo Cesar Gordon, do Instituto Socioambiental (ISA), os xikrins souberam da existência dos brancos há pouco menos de 50 anos, quando um grupo de jovens saiu da aldeia para procurar esse outro mundo.

Já na década de 60, o contato constante com os brancos, que utilizavam a aldeia construída às margens do rio Cateté como rota comercial, trouxe, além de mercadorias, doenças e desagregação social.

Padre

Um padre missionário que chegou à região convenceu-os a reconstruir a aldeia mais para dentro da floresta e organizou o contato com os brancos, intermediando a comercialização entre xikrins e os brancos. A entrada da Funai, no final dos anos 60, assim como o Projeto Carajás, da Companhia Vale do Rio Doce (CVDR), que estabeleceu um convênio compensatório com os índios, trouxe uma certa estabilidade ao grupo, que teve suas terras demarcadas em 1982 e homologadas em 1992.

"Com o início da pressão madeireira na região, no final da década de

80, novamente começou a troca comercial desfavorável para os índios, com contratos ilegais, onde os madeireiros retiravam mais madeira do que pagavam e de forma predatória", diz Gordon.

O plano de manejo dos xikrins foi elaborado com a assessoria do Instituto Socioambiental (ISA), que está capacitando os índios para futuramente administrarem sozinhos o seu negócio. Para tanto, os xikrins criaram a Associação Bep Nói de Direito das Comunidades Xikrins do Cateté e fizeram um acordo com a Madeireira Brumilla, que cuidará do transporte até a comercialização da madeira.

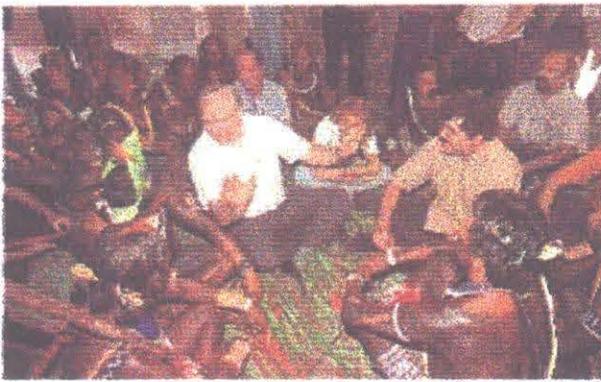
Neste mês de outubro começaram também os trabalhos de certificação florestal, conduzidos pela Smart Wood – instituição credenciada pelo Conselho de Manejo Florestal (FSC), o órgão certificador mundialmente mais aceito – e de pesquisa sobre a regeneração natural do mogno, a ser executada pela Embrapa.

Maura Campanili, enviada especial

notícias :::

Manejo de madeira indígena terá ciclo de 30 anos

Na região onde os xikrins exploram madeira, existem áreas de predominância do mogno



José Paulo Lacerda/ABE

Os ministros da Justiça, José Gregori, e do Meio Ambiente, José Sarney Filho, conversam com os índios xikrins

Paraubebas, PA - A área destinada ao manejo florestal (corte seletivo de madeira em floresta nativa) é de aproximadamente 44 mil hectares (10% da terra indígena dos xikrins). É uma floresta nativa e contínua, que será manejada em um ciclo de 30 anos.

Ou seja, a cada ano serão retiradas árvores numa área de 1.460 hectares, de modo que cada trecho só seja explorado a cada 30 anos. O corte é feito selecionando-se árvores de várias espécies, mas deixando um número suficiente para permitir a regeneração.

Na região onde os xikrins exploram madeira, existem áreas de predominância do mogno, especialmente nas zonas de menor altitude. Nas áreas mais altas, ocorre grande abundância da cedrorana e, em menor quantidade, outras espécies de valor, como o jatobá, tauari, itaúba, marupá e massaranduba. Além dessas, existem ainda várias espécies de madeiras mais leves e claras, indicadas principalmente para a indústria de laminação. Nesse grupo, as principais espécies são as favas, a sumauma e o paricá.

Segundo o engenheiro florestal do Instituto Socioambiental (ISA), Maximiliano Rodrigues, a madeira será vendida tanto no mercado interno como no externo. "Já temos compradores na França e, depois da certificação, que só acontece depois da primeira retirada da madeira, deveremos aumentar muito as possibilidades", disse.

Alegria

Wakonti, um xikrin de 27 anos e seis filhos, é um dos índios envolvidos

diretamente no projeto de manejo. Junto com a equipe técnica, percorre a área de manejo, que fica a 40 Km da aldeia, para catalogar e escolher as árvores que serão retiradas. "Acredito que o projeto veio para ficar, pois tanto os brancos como os índios ficaram muito alegres com ele".

Ele disse que ficou muito orgulhoso de ter sido escolhido pela tribo para participar. "Quando estamos na floresta não tem nenhum descanso, mas acho que a madeira vai trazer mais conforto para nossa comunidade", disse, acrescentando que serviço na roça é menos cansativo.

Maura Campanili, enviada especial